

FICHA TÉCNICA

Titulo Dicionário de História da I República e do Republicanismo. Volume III – N-Z

Coordenação científica

Ana Paula Pires (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa)
Carlos Cordeiro (Centro de Estudos Gaspar Frutuoso da Universidade dos Açores)
David Luna de Carvalho (Centro de Estudos de História Contemporânea do ISCTE)
Ernesto Castro Leal (Centro de História da Universidade de Lisboa)
Hélder Adegar Fonseca (NICPRI – Núcleo de Investigação em Ciência Política e Relações Internacionais)
Manuel Loff (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e Faculdade de Letras da Universidade do Porto)
Maria Fernanda Rollo (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa)
Paulo Fontes (Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa)
Rui Ramos (Instituto de Ciências Sociais)
Vítor Neto (Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra)

Coordenação geral

Maria Fernanda Rollo (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa)

Edição Assembleia da República – Divisão de Edições

Revisão e índices Assembleia da República – Divisão de Edições (Conceição Garvão, Maria da Luz Dias, Noémia Bernardo, Paula Crespo, Susana Oliveira, Teresa Fonseca)

Capa e design Nuno Timóteo

Paginação e pré-impressão Textype e Ana Rita Charola

Impressão Rainho & Neves, Lda

Tiragem 600 exemplares

ISBN 978-972-556-556-8 (obra completa)

ISBN 978-972-556-559-9 (volume III)

Depósito legal 366 586/13

Lisboa, outubro 2014

© Assembleia da República

Direitos reservados nos termos do artigo 52.º da lei n.º 28/2003, de 30 de julho.

www.parlamento.pt

Intr

Text

Índi

Índi

Índi

Índi

Índi

Índi

Índi

Índi

em
sta.
da
iti-
flo
r o
gia
o
eal
io-
los
ga
nal,
ro-
tão
de
da
que
vir
rte
ças
a é
ção
ha.
ao
da
ros
ios

SAUDOSISMO

Teixeira de Pascoais (1887-1952) lançou as bases de um movimento literário, religioso e filosófico, a partir de 1912, que, de alguma forma, aparece como o prolongamento de um certo panteísmo expresso na produção criativa dessa conjuntura cultural por Guerra Junqueiro, Raul Brandão e Sampaio Bruno. O movimento saudosista retomou o decadentismo anterior e contestou o cosmopolitismo do racionalismo e do positivismo da Geração de 70, impondo uma visão mais nacionalista. Seria no contexto dos inícios da República que foi fundada a revista *A Águia* (1910), cuja publicação, com algumas interrupções, perdurou até 1930. Esta publicação seria o órgão do grupo da Renascença Portuguesa, que congregava nomes como Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, António Carneiro, Augusto Casimiro, António Sérgio, Fernando Pessoa e outros. Estes intelectuais, comprometidos com a República, procuraram intervir na sociedade através da criação de universidades populares e de uma atividade editorial importante. O grupo inicial encontrava-se ligado à Faculdade de Letras do Porto (extinta mais tarde). De entre os intelectuais do movimento nortenho destacaram-se Manuel Laranjeira e os poetas Afonso Duarte, António Correia de Oliveira, Mário Beirão (tradicionalismo regionalista) e Afonso Lopes Vieira (nacionalista). O movimento revelava, assim, um certo ecletismo que se acentuará no decurso do tempo posterior (CATROGA e CARVALHO, 1996).

Segundo Joel Serrão, a ideação de Sampaio Bruno exposta em *O encoberto* (1904), obra na qual se debruça sobre a decadência dos povos peninsulares, exerceu influência decisiva, conquanto difusa (como é timbre do esoterismo) nas ideias-força da Renascença Portuguesa (1912) e constituiu, possivelmente, um dos impulsos iniciais do saudosismo. Este consubstancia uma visão do mundo que tem por base a

saudade, considerada por Teixeira de Pascoais como o grande traço espiritual definidor da alma portuguesa, testemunhado pela literatura nacional ao longo dos séculos. Porém, mais do que sentimento individual, a saudade foi elevada a um plano místico (relação do homem com Deus e com o mundo, ânsia nostálgica da unidade do material e do espiritual) e comportava também uma doutrina política e social. Surgido no clima mental nacionalista, tradicionalista e neorromântico dos inícios do século, o saudosismo pretendia, tomando a saudade como princípio dinâmico e renovador, levar a cabo a regeneração cultural do país. Seria, de acordo com o seu doutrinador, a primeira corrente intelectual autenticamente portuguesa. Ligado a uma expectativa messiânica e profética, o saudosismo acabou por dar azo ao afastamento de alguns dos seus adeptos, como António Sérgio ou Fernando Pessoa.

O saudosismo, ligado e articulado com o criacionismo de Leonardo Coimbra, seria a expressão mais original do movimento cultural e, como se referiu, teve como principal teorizador Teixeira de Pascoais, que publicou os seus primeiros textos doutrinários – *O espírito lusitano ou o saudosismo*, 1912 e *O génio português, na sua expressão filosófica, poética e religiosa*, 1913. Logo nos finais de 1910, Pascoais, nas páginas de *A Águia*, definia a índole portuguesa como uma «alma excepcional, instintivamente naturalista e mística, que criou a Saudade, promessa de uma nova *Civilização Lusitana*». Na teorização de Pascoais, o homem era o seu próprio criador, o que o aproximava das teses de Leonardo Coimbra. Nos textos iniciais, o pensador trágico, que foi o poeta do Marão, chamava a atenção para o facto do povo português ter criado a Saudade, porque era a síntese perfeita do sangue ariano e do semita. Daí nascera uma nova religião, a religião da Saudade. Como escreve na *Arte de ser português*, havia uma *alma lusiada*, cujas origens se encontravam na fusão de antigos povos que habitaram a Península Ibérica e na paisagem, entendida como «fonte psíquica da raça».

Republicano, depositava grandes esperanças numa República portuguesa, mas não afrancesada como o fora o constitucionalismo português oitocentista. O saudosismo contribuía para fazer o tradicional diagnóstico decadentista da nossa realidade. Por outro lado, acentuava a especificidade da índole portuguesa, como se pode ler na seguinte passagem: «Nós somos, na verdade, o único povo que pode dizer que na sua língua existe uma palavra intraduzível nos outros idiomas, a qual encerra todo o sentido da sua alma coletiva. A alma lusitana concentrou-se numa só palavra, e nela existe e vive, como na pequena gota de orvalho a imagem do sol imenso. Sim: a palavra Saudade é intraduzível. O único povo que sente a saudade é o povo português, incluindo, talvez o galego, porque a Galiza é um bocado de Portugal sob as patas do leão de Castela. A Galiza é a nossa Alsácia!» (PASCOAIS, 1912). Mas em que povo pensava o poeta? Certamente no povo rural, no povo dos campos, pois não tínhamos outro nessa época, apesar de algum crescimento urbano. Esse povo das vilas, das aldeias e dos casais seria a base de uma «democracia rústica e campestre». Tradicionalista, recusava a industrialização e o urbanismo. Por outro lado, há um nacionalismo evidente na forma como define a Saudade. Para nós, hoje, é evidente que todos os povos sentem a Saudade, embora a tradução da palavra já seja um tema mais discutível. Porém, julgamos que todas as palavras são traduzíveis, conquanto isso não signifique qualquer desvalorização da Saudade e da sua especificidade, a qual se transformou num dos principais mitos da cultura portuguesa,

sendo que, para isso, muito contribuiu Teixeira de Pascoais, seu principal teorizador no tempo da I República. Na atualidade, o ensaísta Eduardo Lourenço, cuja obra, em boa parte, tem como objeto o tema da Saudade que atravessa a cultura portuguesa (e especialmente a literatura) desde os tempos medievais até aos nossos dias. Para Pascoais urgia regenerar a nossa sociedade, o que pressupunha a criação de uma Igreja Lusitana necessária, porque, segundo ele, «O povo português é felizmente um povo religioso, mas não católico, por isso mesmo criou a Saudade.» (PASCOAIS, 1912). Sendo um intelectual religioso, via essa religião na sociedade, na própria «alma da paisagem» e no povo. Assim, o cristianismo fundia-se com o paganismo formando a religião da natureza e da sociedade. O «génio lusíada» completava-se, na sua perspectiva, com a sua «feição religiosa», que extraía a sua unidade sentimental, o sentimento saudoso das coisas, da vida e de Deus, da fusão das ideias cristãs e pagãs. Este saudosismo seria, assim, a fonte de animação «original e mística beleza», a nossa «Arte, Poesia, Literatura e Cristianismo». (PASCOAIS, 1991)

Não se encontra no escritor qualquer filosofia sistemática, tanto mais que o seu espírito aparece algo desordenado, como sublinhou Joaquim de Carvalho, que chamou a atenção para o caráter intuitivo do seu espírito, que o levava a ter uma conceção dualista do mundo. Por outro lado, Teixeira de Pascoais tinha uma conceção messiânica da realidade concretizada no sebastianismo, outro dos mitos da nossa cultura. «Por meio deste *espírito messiânico*, redentor, compete-lhe realizar aquela missão da Renascença...» (PASCOAIS, 1991). Ou seja, o diagnóstico da decadência levava-o a valorizar «o génio de aventura» do povo português, articulando-o com o espírito messiânico, o qual, enquanto religião, trazia consigo a esperança do surgimento de uma nova luz. Em 1922, Pascoais publicará o poema *Oração sebastica*, endereçado ao «meu rei de fantástica memória», na sequência do culto sebastianista renascido com a viagem transoceânica de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, facto que originou nova onda de messianismo em todas as camadas sociais (CATROGA e CARVALHO, 1996). Isto não significa qualquer tipo de aproximação aos integralistas lusitanos como António Sardinha ou Alfredo Pimenta, já que Pascoais se manteve sempre fiel à República. No entanto, convém referir que os integralistas rechaçavam o saudosismo, visto como uma expressão estética e pagã. Por outro lado, o saudosismo era recusado pelo racionalismo de António Sérgio, que entendia o movimento como uma certa forma de passadismo inviabilizador da necessária progressão. Estabeleceu-se, a este propósito, uma polémica entre os dois intelectuais, sendo que Pascoais se esforçou por mostrar que o saudosismo não era retrógrado. Cremos que Sílvio Lima, em polémica com Joaquim de Carvalho, tentou demonstrar que o saudosismo não era só retosenso, mas também era intenso e protenso.

Tendo colaborado n' *A Águia* com uma série de artigos sobre «A nova poesia portuguesa», o jovem Fernando Pessoa afirmava que os poetas saudosistas anunciavam o pensamento da «futura civilização europeia» – um transcendentalismo panteísta –, e que portanto essa futura civilização europeia seria «um civilização lusitana». Deveria estar para muito breve – acrescentava profeticamente – o aparecimento do poeta supremo da nossa raça e, ousando, tirava a conclusão que o poeta supremo da Europa, de todos os tempos (e a nossa grande raça) partiria em busca de uma Índia nova, que não existia no espaço, em naus que seriam construídas daquilo que os sonhos eram

feitos. O futuro autor da *Mensagem* integrava-se, como se vê, no clima de exaltação sebastianista dos poetas d'*A Águia*. Era então mais um patriota místico, pronto a embarcar para o reino da quimera, embora se adivinhe que por detrás dessa atitude havia uma deliberação mental. Mais tarde, as divergências do saudosismo com Fernando Pessoa, que levaram o poeta do *Orpheu* a abandonar as suas ligações ao movimento, terão, a nosso ver, origem na oposição de uma conceção cosmopolita e modernista da cultura de Pessoa com um certo nacionalismo e provincianismo do movimento saudosista. Enquanto doutrina política e social, o saudosismo não podia satisfazer os espíritos com exigência de positividade e de articulação lógica nas ideias. Por isso, em breve também António Sérgio e Raul Proença, sócios da Renascença Portuguesa, manifestaram o seu desacordo, travando Sérgio correspondência polémica com Pascoais nas colunas d'*A Águia*. Temperamentos inconciliáveis, usavam linguagens diversas. Sérgio acusou Pascoais de ser portador de um pensamento demasiado utópico e passadista, fechado num lusitanismo xenófobo, provinciano, incompatível com o moderno espírito europeu. É que o idealismo do poeta do *Regresso ao Paraíso* desprezava o progresso técnico, subestimava a economia, atribuía imaginosa e a um estado de alma deprimente e passivo virtualidades construtivas. Ora, o que era preciso era cortar com a tradição nacional de isolamento sonhador, paralisante. A tese de Sérgio «é que o progresso moral dum povo está dependente do seu progresso económico». Em síntese, a seu ver, o saudosismo não passava de uma nova manifestação do «temperamento fantasista, impulsivo, inconsistente – por uns classificado de idealista e por outros de retórico –, que nos formou na velha sina de conquistadores e aventureiros, retardatários da Cavalaria». Esta primeira dissidência havia de conduzir ao aparecimento da *Seara Nova*.

Nas colunas d'*A Águia* encontramos lado a lado poetas como Teixeira de Pascoais, António Correia de Oliveira, Afonso Lopes Vieira e outros. Definiam-se, em conjunto, como neorromânticos espiritualistas e lusitanizantes, que se compraziam na evocação de tradições e no cantar da terra portuguesa. Da religiosidade vagamente panteísta à visão profética expressam, assim, a sua criatividade. Por seu lado, Afonso Lopes Vieira cultivava, como esteta consciente, um neogarretismo professo. Sendo um homem culto, glosava temas e formas típicas da história, da lenda, da literatura culta e popular. Todavia, Afonso Duarte já revelava um certo modernismo, ou modernidade. Portadores de estados de alma saudosos, evocavam a terra da infância (o Marão de Pascoais, o Alentejo de Mário Beirão), transfiguravam os lugares, que surgiam povoados de sombras e de espectros. Fernando Pessoa observou que, para os saudosistas, «matéria e espírito são reais e irreais ao mesmo tempo»; que para eles a cada passo surgia a «materialização do espírito» e a «espiritualização da matéria». E, para isso, citava os versos de Pascoais «A folha que tombava/era a alma que subia», e expressões como «choupos de alma» de Jaime Cortesão. Por seu lado, Afonso Duarte falava em «tardes de alma», «êxtases de árvores», «crepúsculo de mágoa» – imagens que lembravam Pascoais. Estes poetas, como Augusto Casimiro e Mário Beirão, tinham uma visão mística, animista da Natureza, em que tudo se esfumava em vagos anseios, quimeras, vida etérea, «verbo etéreo». É este o lado mais saudosista dos poetas d'*A Águia*. A par disto, o bucolismo, o folclorismo e um certo alor sentimental. A linguagem poética representava um regresso. Herdeiros de Guerra Junqueiro, ligados

também ao neogarretismo romântico de António Nobre, os saudosistas não aproveitaram os contributos, a este nível, dos simbolistas. Optaram por uma expressão mais tradicional, mais clássica, o «verso escultural» de Pascoais. Por isso, são muito menos modernos e europeus do que os poetas, seus contemporâneos do *Orpheu*. De qualquer modo, o saudosismo foi uma tentativa de interpretação da «psique nacional». Daí a importância dada aos valores espirituais de que a Saudade era o exemplo e o traço definidor. Segundo Pascoais, o carácter saudoso português realizava a harmonia mais perfeita entre o paganismo e o cristianismo, a Presença e a Ausência, a Alegria e a Tristeza. Esta era, porém, uma harmonia instável, dinâmica, sempre em permanente renovação.

Fernando Catroga, ao abordar o livro *Arte de ser português*, afirma certamente que o que «Teixeira de Pascoais executa é bem um inventário antropológico-cultural de materiais que, em boa verdade, escapavam ao credo cientista dos sociólogos e dos estudiosos da cultura coevos» (CATROGA e CARVALHO, 1996). Este livro original, que define Portugal como uma raça e como uma pátria, procura analisar as qualidades e os defeitos da «alma pátria» no quadro do idealismo de um povo colocado diante do seu próprio destino. A obra contribui bastante para essa autognose da nação portuguesa. Recordando a definição da Saudade como desejo e lembrança, tal como tinha sido explicitado no século XV por Duarte de Leão, traça o seu fim da seguinte maneira: «O fim desta Arte é a renascença de Portugal, tentada pela reintegração dos portugueses no carácter que por tradição e herança lhes pertence, para que eles ganhem uma nova atividade moral e social, subordinada a um objetivo comum superior. Em duas palavras: colocar a nossa pátria ressurgida em frente do seu destino.» Não deixemos de perguntar, contrariando um pouco o poeta: havia, então, um destino português?

A raça não se esgotava no conceito étnico-cientista e a pátria, definida como um «ser espiritual», participa do universalismo, pois são «intimamente ligadas à humanidade». «Uma raça independente, sob o ponto de vista político, é uma pátria.» Assim, Portugal era uma raça e uma pátria «porque tinha uma língua própria, uma História, uma Arte, uma Literatura» e alcançara a sua independência política. A pátria exigia a figura do patriota: «o bom português deve cultivar em si o patriota, que abrange o indivíduo, o pai e o munícipe e os excede» (PASCOAIS, 1991). Por isso, a «alma pátria» decorria da fusão do povo com a paisagem, com o seu húmus e tinha nascido do contraste das planícies do Alentejo com a montanha, do semitismo com o arianismo, formando o dualismo do génio lusíada expresso no sentimentalismo saudosista. As suas figuras poéticas eram vagamente definidas e fundiam-se com a paisagem, cujo paradigma nacional era a região do Tâmega («paisagem original que é o próprio busto panteísta do génio dos lusíadas») (PASCOAIS, 1991). Joaquim de Carvalho denunciou este patriotismo localista de Pascoais, definido pela «constelação de sentimentos» baseados na família e constituindo a expressão do sentimento patriótico estabelecido a partir de uma visão estática e da Saudade vital. Joaquim de Carvalho não teria reparado na dimensão protensa do saudosismo que fazia da Saudade fonte de mutação, como defendia Leonardo Coimbra, quando escrevia no início do seu *Criacionismo* que «O homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro dum mundo a fazer» (COIMBRA, 1912). O saudosismo não significava, assim, inação, mas capacidade para intervir e transmutar a realidade numa semelhança com a progressão de que

exaltação
pronto a
sa atitude
simo com
gações ao
opolita e
nismo do
não podia
nas ideias.
enascença
polémica
m lingua-
demasiado
compatível
ao Paraíso
samente a
o que era
nte. A tese
progresso
a manifes-
sificado de
quistadores
le conduzir

Teixeira de
efiniam-se,
ompraziam
vagamente
or seu lado,
o professo.
a lenda, da
modernismo,
da infância
lugares, que
que, para os
para eles a
la matéria».
que subia»,
onso Duarte
» – imagens
ário Beirão,
va em vagos
a dos poetas
ental. A lin-
eiro, ligados

falava António Sérgio, embora para este a economia fosse a sua base. Ora, como se viu, esta consciência da importância do económico escapava completamente a Teixeira de Pascoais, que era fundamentalmente um poeta – um grande poeta – que também filosofava. Contudo, a poesia e a filosofia fundiam-se, já que não havia fronteiras entre a reflexão filosófica e a criatividade poética, contrariamente a Antero de Quental, por exemplo.

Voltando ao livro *Arte de ser português*, Pascoais apresentava as manifestações em que melhor se revela a «alma pátria». Ou seja: na literatura, na linguagem popular, nas palavras intraduzíveis, ou no génio da língua, na filosofia, na jurisprudência, na arte, na lenda, nas frases célebres e na religião. Assim, n' *O espírito lusitano* e n' *O génio português*, Teixeira de Pascoais, escrevendo sobre a literatura evocava, Luís de Camões, Bernardim Ribeiro, António Ferreira, Gil Vicente, António Vieira, Camilo Castelo Branco e António Nobre para revelar a sensibilidade dualista traduzida na sua essência e forma. Isto significava que, para ele, a emoção literária nascia do contacto das suas almas com a parte material e espiritual das coisas e dos «seres contemplados». O nosso génio literário nascia dessa dualidade. Ora sendo, segundo Pascoais, a nossa literatura mais «emotiva do que intelectual», a sua expressão era sobretudo «vivente», faltando-lhe a força dialéctica e construtora do pensamento. As personagens dos nossos romancistas emergiam do húmus, como se pode constatar com a *Mariana do Amor de perdição* de Camilo, ou a *Joaninha* de Garrett, ou, ainda, a *Menina e moça* de Bernardim. Em todo o caso, a literatura nacional era panteísta e privilegiava os personagens femininos. Contudo, seria a poesia a expressar melhor a nossa «alma», dada a sua espiritualidade. Daí que a obra mais representativa fosse, para Pascoais, o *Cancioneiro popular*, que transmitia ao leitor a fusão de contrastes: «dor e alegria, vida e morte, espírito e matéria, e a própria divinização da Saudade» (PASCOAIS, 1991). Esta obra, era vista pelo nosso autor como satírica e amorosa, mas também como uma obra religiosa, já que anunciava «o nosso misticismo panteísta». Não falta ao *Cancioneiro* a tragédia do Mistério como se pode ler: «O deus Pã, o velho deus alegre das florestas, cobre-se de sombras, e aparece à alma do Povo. É o Medo profundo e mítico, povoando a noite de Aparições, dramatizando fantasticamente a Natureza» (PASCOAIS, 1991). O Medo saudoso lusitano seria uma fonte inesgotável de poesia visível na obra lírica de Bocage, embora não tivesse ainda atingido a forma dramática e trágica. Assim, no *Cancioneiro* viveria a «alma pátria». Mas a nossa literatura exprimia também o «lirismo elegíaco», longínquo, nubloso, sebastianista. «Dentro dele, paira a sombra do mar, a aventura na sua aurora de tristeza, a tentação do remoto e do mistério» (PASCOAIS, 1991). No *Cancioneiro* o amor é saudoso. Trata-se mesmo de um idealismo saudoso, no qual se fundem o espírito e a matéria, a vida e a morte, expressão do nosso próprio misticismo. Ora, a linguagem popular, exemplificada por Pascoais, não deixava de exprimir um *saudoso sentimento* denunciador da «matéria original do nosso génio».

Mas como se define a própria Saudade, como palavra intraduzível? *Desejo e lembrança*, conforme Duarte Nunes de Leão, no século XV, ou *gosto e amargura*, segundo Garrett? Há no desejo uma dimensão sensual e alegre da Saudade e na lembrança a sua face espiritual e dolorida. Por outro lado, se Portugal revelava uma superioridade poética indiscutível, Pascoais falava da sua grande inferioridade filosófica. Daí que o português não quisesse interpretar o mundo, nem a vida. Neste

contexto, Teixeira Pascoais interrogava-se: «Mas haverá um pensamento português?» A esta pergunta respondia que tal pensamento se começava a desenhar em Oliveira Martins e Antero de Quental e, mais recentemente, em Leonardo Coimbra e no *Criacionismo*. E mesmo quando se refere à arte, Pascoais evoca Nuno Gonçalves, na pintura e Soares dos Reis, na escultura, para sublinhar o *sentimento saudoso* das nossas coisas e da nossa vida. Por outro lado, o homem religioso teria criado Deus e daí nasceu a unidade entre o princípio cristão e pagão como característica mais «profunda e bela da nossa pátria». Pascoais transfigurava a realidade através do sentimento poético que, para ele, era sempre religioso. É que o poeta fala, entre os homens, «a linguagem de Deus, para que eles se reconheçam na sua própria natureza etérea e progridam moralmente» (PASCOAIS, 1991).

A «alma pátria» exprimia, segundo Pascoais, as suas qualidades: génio de aventura, espírito messiânico, sentimento de independência e liberdade. A primeira destas qualidades dever-se-ia à herança celto-latina e árabe dos portugueses. Daí a necessidade de educar esse génio para que ele se expressasse através do poder de iniciativa. Nascido com o desastre de Alcácer-Quibir, o messianismo exprimia a concentração num homem, nele se espiritualizando e deificando. Devido ao sebastianismo, os lusíadas teriam sido ofuscados pela «grande sombra» do Encoberto. O sebastianismo fazia pressentir, para Pascoais, «as formas da sua futura cristalização», isto é, o ideal de Renascença. A energia própria dos portugueses tornou possível, afirmava Pascoais, a autonomia religiosa, política, literária e artística.

A par destas qualidades, aqui brevemente esboçadas, o escritor apresentava também os «defeitos» da alma pátria: falta de persistência, vil tristeza, inveja, vaidade suscetível, intolerância e espírito de imitação. A falta de persistência surgia como a outra face da moeda do génio de aventura. Decaído o génio de aventura, enfraquecia a persistência da nação. Esta aparecia associada à tristeza cantada por Camões que, por sua vez, se articulava com a Saudade. Expressão do decadentismo, a tristeza era patológica e representava a tendência do homem português para o fantasma, para a inveja decadente, para o viver das aparências. Era a expressão de um povo que fora grande e que se sentia decaído. Por isso, sendo pobre, o português vivia na ilusão e no fingimento. Por sua vez, a intolerância servia as seitas políticas e religiosas: «O Deus dos padres e a liberdade dos políticos, para eles, são coisas indiscutíveis – quero dizer à existência das suas igrejas sagradas e profanas». E continuava: «Uns prometem a liberdade, os outros prometem Deus» (PASCOAIS, 1991). Tal como noutros países, em períodos de decadência, nascia o espírito de imitação. Pascoais citava Mommsen, no seu pan-germanismo, dizia que a Alemanha, nas suas fases decadentes, imitava «a medíocre civilização francesa». Para Teixeira de Pascoais, a decadência de um povo destruiu-lhe a faculdade inventiva e iniciadora.

Não obstante os chamados defeitos da «alma pátria», o autor apelava à Saudade, que se transmutaria na eterna Renascença presente nas obras de Victor Hugo, Wagner, Nietzsche e Ibsen, ainda que apenas sentida instintivamente pelos poetas portugueses e pelo povo. O movimento poético do seu tempo refletia a influência dos nossos escritores e artistas (Camões, Frei Agostinho da Cruz, Bernardim, Nuno Gonçalves, Camilo, Garrett, Soares dos Reis e João de Deus) que estavam em íntimo acordo com o povo. Assim «Se a ideia da Renascença, em Portugal, se tornou génio coletivo, deve

competir ao povo português convertê-la em concreta realidade social ou nova Civilização» (PASCOAIS, 1991).

Para a nossa Regeneração, Teixeira de Pascoais analisava o sebastianismo: «este espectro divinizado da nossa grandeza morta, prometendo o seu regresso, numa encoberda manhã, é o próprio sebastianismo» (PASCOAIS, 1991). Assim, se a nossa grandeza tinha morrido materialmente ressurgiria em espírito e o sebastianismo, «sendo a expressão mítica da nossa dor, é, já, em sombra noturna, o futuro sol da Renascença». Nesta apologia do mito sebástico, não faltava a evocação de Bandarra, o célebre sapaiteiro de Trancoso que revelava, nas suas trovas, um espírito messiânico. A Saudade, à sombra do Encoberto, dissiparia o nevoeiro da lendária manhã. A sua revelação seria a esperança, já que definia também o sonho nacional da Renascença, o destino de Portugal, que seria, como se sabe, retomado por Fernando Pessoa.

Do saudosismo nascia o nosso idealismo que valorizava a vida do espírito como a libertação da matéria. Como o espírito existe na matéria e a matéria vive no espírito, espírito e matéria são as duas faces do nosso enigma. Deste modo, o nosso ideal seria elevar o criador animal e individual a criatura espiritual, em formar a família e a pátria, em encontrar a harmonia entre a esperança e a lembrança, no campo filosófico, o paganismo e o cristianismo, no campo religioso, a tradição e a revolução, a herança e a personalidade, no campo sócio-histórico. Rejeitando a utopia – se há utopia em Pascoais é uma utopia regressiva – reassume a realidade, mas uma realidade pura e transcendente. À utopia opunha o verdadeiro idealismo: «a crença no espírito como sendo o fim divino da matéria, a necessidade convertendo-se em liberdade» (PASCOAIS, 1991).

Pascoais acreditava na família, pátria, humanidade e em Deus. Sugeriu a adoração dos santos do cristianismo português e, neles, o supremo Deus espiritual. A Saudade transfigurava a natureza criando um novo imaginário do ser, «o estado angélico e perfeito – a *Imagem*». Imerso na própria miséria e contingência, o homem, através do saudosismo, teria a capacidade de se elevar à contemplação do «reino espiritual». Assim, a imagem de Deus que aparecia vestida de Humanidade, cristianizada, seria Jesus. E como o definia Pascoais: «Jesus Cristo é Deus humanizado para nosso conforto e salvação». A esperança teria divinizado o homem, enquanto a lembrança humanizara Deus. Era este o sentido do cristianismo familiar e patriótico, segundo Pascoais.

Teremos, neste ensejo, de criticar as ideias de Pascoais, quando ele assumia um anti-intelectualismo em nome da religião. Para ele, as ideias teriam de ser sentimentais, confundindo-se com o próprio ser. Por outro lado, o doutrinador era antimecanicista e antideterminista, afastando-se, deste modo, dos materialismos biologistas dos finais do século XIX e inícios do século XX. E concluía afirmando que o seu idealismo era saudoso, animado pela esperança e pela lembrança. Um idealismo religioso e popular. Esta era, para ele, a verdade portuguesa.

Teixeira de Pascoais, enquanto doutrinador do saudosismo, revela originalidade, embora o seu pensamento nos surja como arcaico, especialmente em matéria económica, social e política. É certo que ele era essencialmente um poeta, mas não deixa de ser interessante a maneira com explorou a Saudade e teorizou o saudosismo, fazendo dele um dos temas fundamentais da cultura portuguesa. Por outro lado, julgamos que

o seu ideário expressa um nacionalismo provinciano e regressivo. No entanto, os esforços que fez no sentido de interpretar a «psique portuguesa» são de louvar. Sem formação filosófica e uma verdadeira doutrina política, não nos poderia deixar uma obra consistente a esse nível. Daí se compreendam as ruturas de António Sérgio, em nome do racionalismo filosófico, por um lado, e de Fernando Pessoa, em nome do cosmopolitismo e da modernidade por outro, com o saudosismo. Enquanto movimento cultural, sustentado por um grupo de intelectuais numeroso, o saudosismo não era a expressão cultural que convinha à I República e não contribuiu, pelo menos significativamente, para a consolidação do regime. No entanto, o analfabetismo da esmagadora maioria dos cidadãos também não estimulava os intelectuais no exercício de uma atividade cultural significativa. O grupo do *Orpheu*, na Lisboa da época, ilustra bem a decadência cultural de uma sociedade envolvida em conflitos políticos, sociais e religiosos quase permanentes.

Bibliografia: CATROGA, Fernando e CARVALHO, Paulo A. M. Archer, *Sociedade e cultura portuguesas II*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996; LOURENÇO, Eduardo, *O labirinto da saudade. Psicanálise mítica do destino português*, Lisboa, D. Quixote, 1978; PASCOAIS, Teixeira de, *Arte de ser português*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1.ª ed., 1991.

[Vitor Neto]